

DA PAZ

PMS	FMLF	ULTRIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	02/08/98	
Caderno	7	
Seção		
Assunto	Bairro	

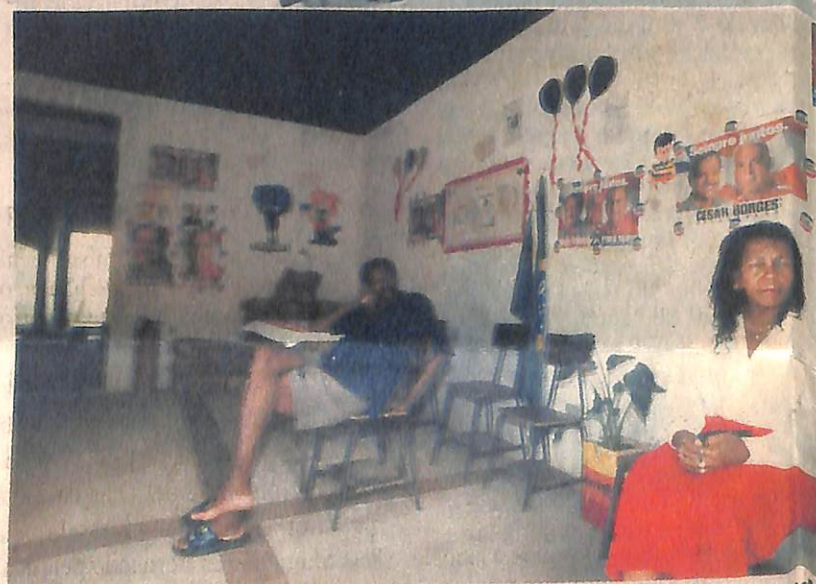
Associações de bairro viram comitês em período eleitoral

Se é por ideologia ou fisiologia, não vem ao caso. Certo é que historicamente associação de bairro, política e políticos sempre conviveram em perfeita comunhão. Agora, a menos de 60 dias das eleições, elas voltam à crista da onda. Das 450 registradas nos cartórios de Salvador, com vida jurídica como manda o figurino, todas com uma marca comum, o clássico "sem fins lucrativos", parte só existe no papel. Algumas só mostram a cara de eleição em eleição e há as que podem ser consideradas sérias, realmente empenhadas em realizar trabalhos comunitários, assim mesmo não tão puras, já que em períodos eleitorais são bastante assediadas e quase sempre cedem à tentação, de alguma forma. Não são muitas, é uma minoria bastante restrita. Das 250 filiadas à Federação das Associações de Bairro de Salvador (Fabs), catam-se 30, contando aí as que são meio lá meio cá. Ou seja, meio comitê eleitoral, meio serviço social. Em geral, em vez de cumprirem as finalidades comunitárias para as quais foram criadas, as associações terminam atendendo apenas a interesses pessoais.

Texto: Levi Vasconcelos

A distribuição de leite da prefeitura por partidários de um parlamentar, esta semana, não é fato que possa surpreender na política brasileira. Leite financiado pelo poder público e associação de bairro têm muito mais afinidades do que pode supor a vã filosofia. E ganhou toda essa intimidade oficialmente, no alvorecer da Nova República, quando o então presidente José Sarney elaborou e deflagrou o Programa do Leite, espalhado por todo o território nacional através das associações.

Talvez até a intenção fosse boa. Nada melhor do que passar por cima de estruturas viciadas para ir "direto aonde o povo está", como se dizia na época. Não deu certo. Ou pior, saiu pela culatra. Boa parte dos chamados "fiscais do Sarney", esperta, correu aos cartórios para forjar uma entidade oficial literalmente com o único propósito de mamar o seu leiteinho. Nunca se viu em toda a história uma tempestade de associações de bairro desabar sobre a cidade como naqueles tempos. Fim do governo Sarney, a



No bairro da Paz, sem ação comunitária, entidade faz propaganda

precisão o que se passa nos bastidores das associações. A tal Associação Beneficente de Plataforma do Alto de Manoel Monte é antiga, estava fechada há mais de dois anos e foi reinaugurada pouco menos de um mês atrás, às vésperas das eleições. Ou seja, estava fechada e renasceu fechada, porque para os fins a que se destina só existe no papel. Quase em frente, na mesma área, há a Associação dos Moradores de Plataforma, a Ampla, o onusto que

vendo 280 adolescentes, e desenvolve um programa para a terceira idade.

"A Ampla está aberta para discussão de qualquer natureza, com quem quer que seja. Cada dirigente tem o direito de votar em quem bem quiser e entender, mas não aceitamos o engajamento político da instituição com partidos. Nossa política é social", diz a secretária Josiane Santos da Cruz, assinalan-



Ampla mantém uma creche-escola para as crianças de Plataforma

lógica, embora os dirigentes afirmem que não há envolvimento de qualquer matiz. "No bairro há pessoas ligadas ou que votam em poli-

massemos um lado deixarmos de ser a entidade que representa os moradores".

Autonomia x fisiologismo

"Realmente hoje há muitas dificuldades de mobilização para se discutir a cidade, se discutir a exclusão. No final dos anos 80, as associações eram muito fortes, mas com a abertura o estado passou a adotar um clientelismo mais competente. Criaram muitas formas de cooptar e uma delas foi com o leite de Sarney", diz a professora Antonia Garcia, fundadora e dirigente da Federação das Associações de Bairro de Salvador (Fabs), ela própria declaradamente ligada ao PT, embora afirme: "Sempre tivemos

maléfica porque não representa o conjunto". No entanto, é de conhecimento da cidade o envolvimento político desta associação.

Antonia admite que na base há associações de tudo que é tipo. "Não há um embate ideológico, porque ideologicamente não há nenhuma de direita. Há sim, o uso fisiológico", frisa ela, que atualmente desenvolve uma tese de mestrado cujo tema é "O espaço segregado da mulher de Salvador - movimento de bairro". Durante a ditadura militar, a grande maioria das associações surgiu de ponto de apoio

vorecer da Nova República, quando o então presidente José Sarney elaborou e deflagrou o Programa do Leite, espalhado por todo o território nacional através das associações.

Talvez até a intenção fosse boa. Nada melhor do que passar por cima de estruturas viciadas para ir “direto aonde o povo está”, como se dizia na época. Não deu certo. Ou pior, saiu pela culatra. Boa parte dos chamados “fiscais do Sarney”, esperta, correu aos cartórios para forjar uma entidade oficial literalmente com o único propósito de mamar o seu leitinho. Nunca se viu em toda a história uma tempestade de associações de bairro desabar sobre a cidade como naqueles tempos. Fim do governo Sarney, a teta secou, as associações minguaram. Ou melhor, permaneceram apenas cartoriais.

Ampla

O caso de Plataforma ilustra com



No bairro da Paz, sem ação comunitária, entidade faz propaganda

precisão o que se passa nos bastidores das associações. A tal Associação Beneficente de Plataforma do Alto de Manoel Monte é antiga, estava fechada há mais de dois anos e foi reinaugurada pouco menos de um mês atrás, às vésperas das eleições. Ou seja, estava fechada e renasceu fechada, porque para os fins a que se destina só existe no papel. Quase em frente, na mesma área, há a Associação dos Moradores de Plataforma, a Ampla, o oposto, que funciona ininterruptamente há 22 anos, mantém uma creche escola para 110 crianças, realiza cursos de tecelagem, serralheria, corte industrial, entalhe em madeira, crochê e tricô, promove oficinas de teatro, capoeira e samba de roda, envol-

vendo 280 adolescentes, e desenvolve um programa para a terceira idade.

“A Ampla está aberta para discussão de qualquer natureza, com quem quer que seja. Cada dirigente tem o direito de votar em quem bem quiser e entender, mas não aceitamos o engajamento político da instituição com partidos. Nossa política é social”, diz a secretária Josiane Santos da Cruz, assinalando que, para tocar o trabalho, conta com 16 voluntários e que por isso “às vezes ele anda meio capengoso”. Dizer que a Ampla é genuinamente pura do ponto de vista político seria ingenuidade, mas se tem política é ideológica, jamais fisio-

lógica que não há envolvimento de qualquer matiz. “No bairro há pessoas ligadas ou que votam em polí-

ticamente não há associação de moradores”.

Autonomia x fisiologismo

“Realmente hoje há muitas dificuldades de mobilização para se discutir a cidade, se discutir a exclusão. No final dos anos 80, as associações eram muito fortes, mas com a abertura o estado passou a adotar um clientelismo mais competente. Criaram muitas formas de cooptar e uma delas foi com o leite de Sarney”, diz a professora Antonia Garcia, fundadora e dirigente da Federação das Associações de Bairro de Salvador (Fabs), ela própria declaradamente ligada ao PT, embora afirme: “Sempre tivemos posições políticas claras, mas procuramos não misturar. Na época de Lídice, defendíamos que as associações deveriam ter uma postura inteiramente autônoma. Se fosse um governo petista seria a mesma coisa. A vinculação partidária é

maléfica porque não representa o conjunto”. No entanto, é de conhecimento da cidade o envolvimento político desta associação.

Antonia admite que na base há associações de tudo que é tipo. “Não há um embate ideológico, porque ideologicamente não há nenhuma de direita. Há sim, o uso fisiológico”, frisa ela, que atualmente desenvolve uma tese de mestrado cujo tema é “O espaço segregado da mulher de Salvador - movimento de bairro”. Durante a ditadura militar, a grande maioria das associações servia de ponto de apoio para políticos que combatiam o regime autoritário e quase sempre os dirigentes eram homens. Depois as mulheres passaram a ser maioria e, segundo Antonia, nos dias atuais houve um recuo.